

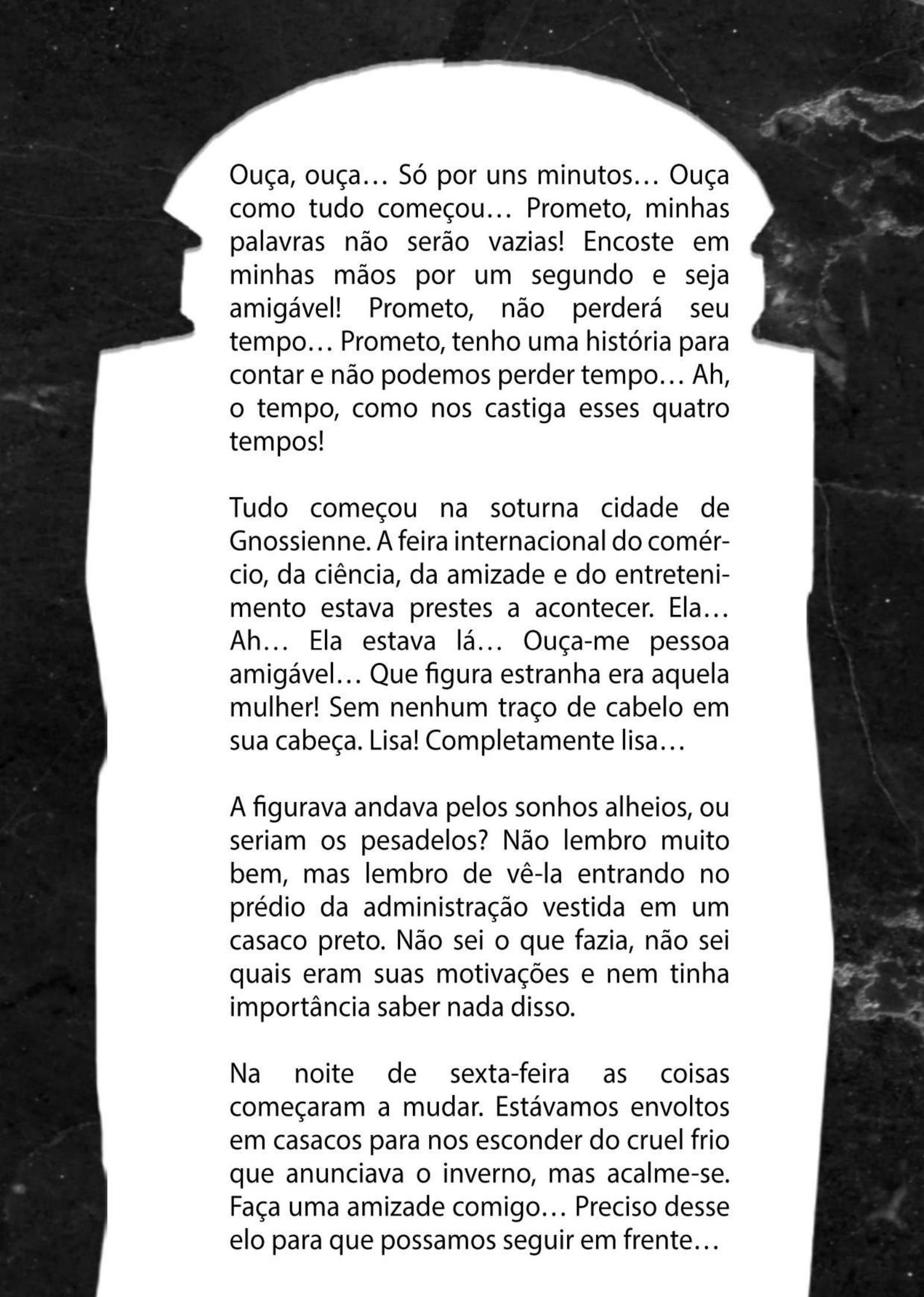
# O DIVÃ DA DOUTORA ALANA

Luan Nascimento  
(Escritor e Ator)

Gabriel Nascimento  
(Fotografo)

Zilda Cecchini  
(Figurista)



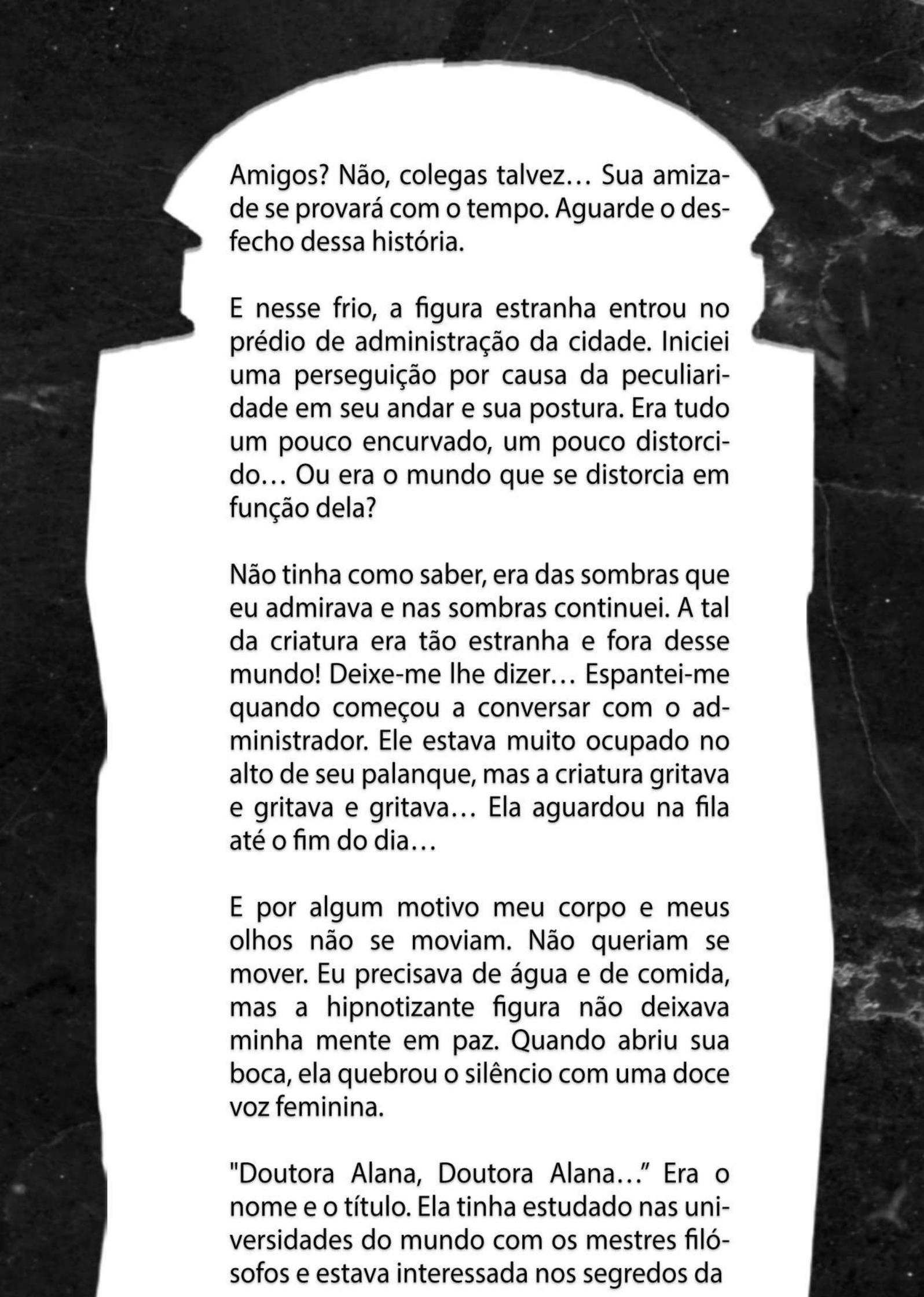


Ouçã, ouçã... Só por uns minutos... Ouçã como tudo começou... Prometo, minhas palavras não serão vazias! Encoste em minhas mãos por um segundo e seja amigável! Prometo, não perderá seu tempo... Prometo, tenho uma história para contar e não podemos perder tempo... Ah, o tempo, como nos castiga esses quatro tempos!

Tudo começou na soturna cidade de Gnoissienne. A feira internacional do comércio, da ciência, da amizade e do entretenimento estava prestes a acontecer. Ela... Ah... Ela estava lá... Ouçã-me pessoa amigável... Que figura estranha era aquela mulher! Sem nenhum traço de cabelo em sua cabeça. Lisa! Completamente lisa...

A figurava andava pelos sonhos alheios, ou seriam os pesadelos? Não lembro muito bem, mas lembro de vê-la entrando no prédio da administração vestida em um casaco preto. Não sei o que fazia, não sei quais eram suas motivações e nem tinha importância saber nada disso.

Na noite de sexta-feira as coisas começaram a mudar. Estávamos envoltos em casacos para nos esconder do cruel frio que anunciava o inverno, mas acalme-se. Faça uma amizade comigo... Preciso desse elo para que possamos seguir em frente...



Amigos? Não, colegas talvez... Sua amizade se provará com o tempo. Aguarde o desfecho dessa história.

E nesse frio, a figura estranha entrou no prédio de administração da cidade. Iniciei uma perseguição por causa da peculiaridade em seu andar e sua postura. Era tudo um pouco encurvado, um pouco distorcido... Ou era o mundo que se distorcia em função dela?

Não tinha como saber, era das sombras que eu admirava e nas sombras continuei. A tal da criatura era tão estranha e fora desse mundo! Deixe-me lhe dizer... Espantei-me quando começou a conversar com o administrador. Ele estava muito ocupado no alto de seu palanque, mas a criatura gritava e gritava e gritava... Ela aguardou na fila até o fim do dia...

E por algum motivo meu corpo e meus olhos não se moviam. Não queriam se mover. Eu precisava de água e de comida, mas a hipnotizante figura não deixava minha mente em paz. Quando abriu sua boca, ela quebrou o silêncio com uma doce voz feminina.

"Doutora Alana, Doutora Alana..." Era o nome e o título. Ela tinha estudado nas universidades do mundo com os mestres filósofos e estava interessada nos segredos da

mente. Pediu ao administrador uma permissão para mostrar suas descobertas na feira. O administrador recusou.

“Doutora, doutora, você ainda é mulher... Vá cozinhar os caldos na lareira, está frio e precisamos de trabalhadoras.” Ele disse. Franziu a testa... Digo, a doutora franziu a testa. Pensei que iria gritar ou brigar. E, em um momento sorrateiro, ela sorriu. Um sorriso nefasto num misterioso semblante.

“Não, compreendeste mal meu senhor. O que estou prestes a demonstrar desafia as verdades da ciência... Essas... Essas novas ferramentas são parte do futuro que queremos construir. Elas juntam entretenimento, ciência e podem ser vendidas no comércio. Meu senhor, imploro. O que irei mostrar mudará o futuro...”

E em sua calma voz ela suplicou. “Necessito, meu senhor... Necessito ir em frente.” O administrador estava curioso. Queria entender a urgência.

“Criatura estranha, eu estou ocupado... Vinte minutos na seção de entretenimento. Lá você terá uma chance. Tome essa permissão e vá! Estarei com os oficiais na arquibancada. Não se atreva a perturbar a paz e a calma da feira ou nossa nação se tornará vergonha internacional!”

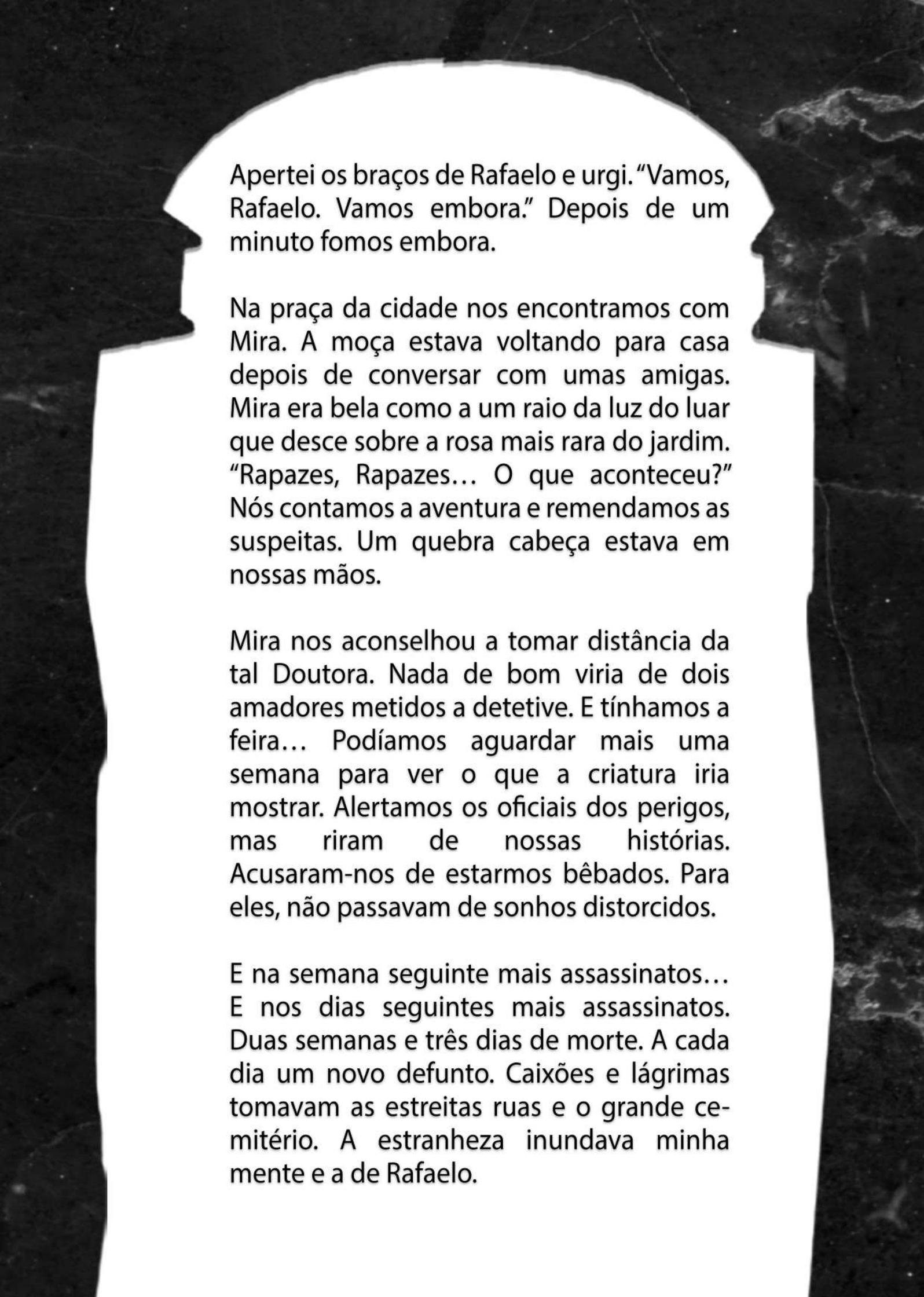
"Doutora. Sou a doutora Alana." A criatura sussurrou deixando o edifício. Passou por mim e olhou nos meus olhos. Não foram mais que uns segundos. Pesados calafrios atravessaram minha espinha. Ah, o horror... O horror... fez-me pensar na morte. Quem era essa criatura?

O dia tinha acabado. Retornei ao meu lar e adormeci após o desjejum.

O dia seguinte foi triste. Rafaelo acordou-me ao bater na porta. Meu amigo Rafaelo! Ele acordou para dizer que Miguel ngelo tinha sido assassinado na noite anterior. Por alguma razão, a face daquela sinistra criatura apareceu na cabeça. O terror do sinistro sorriso, ah... O terror do sinistro sorriso.

As preparações para a feira estavam em andamento. Rafaelo e eu fomos para os galpões e lonas vendo as atrações até encontrar o laboratório da Doutora Alana. O laboratório da maldade era cheio de trequinhos e válvulas. Tinha tantos dispositivos e fumaça que não dava para ver muita coisa pela janela.

Quando a criatura abaixou as válvulas os trecos pararam de se mover. O tenebroso olhar puxava mais válvulas e mais fumaça desaparecia. Caixões, vários caixões!

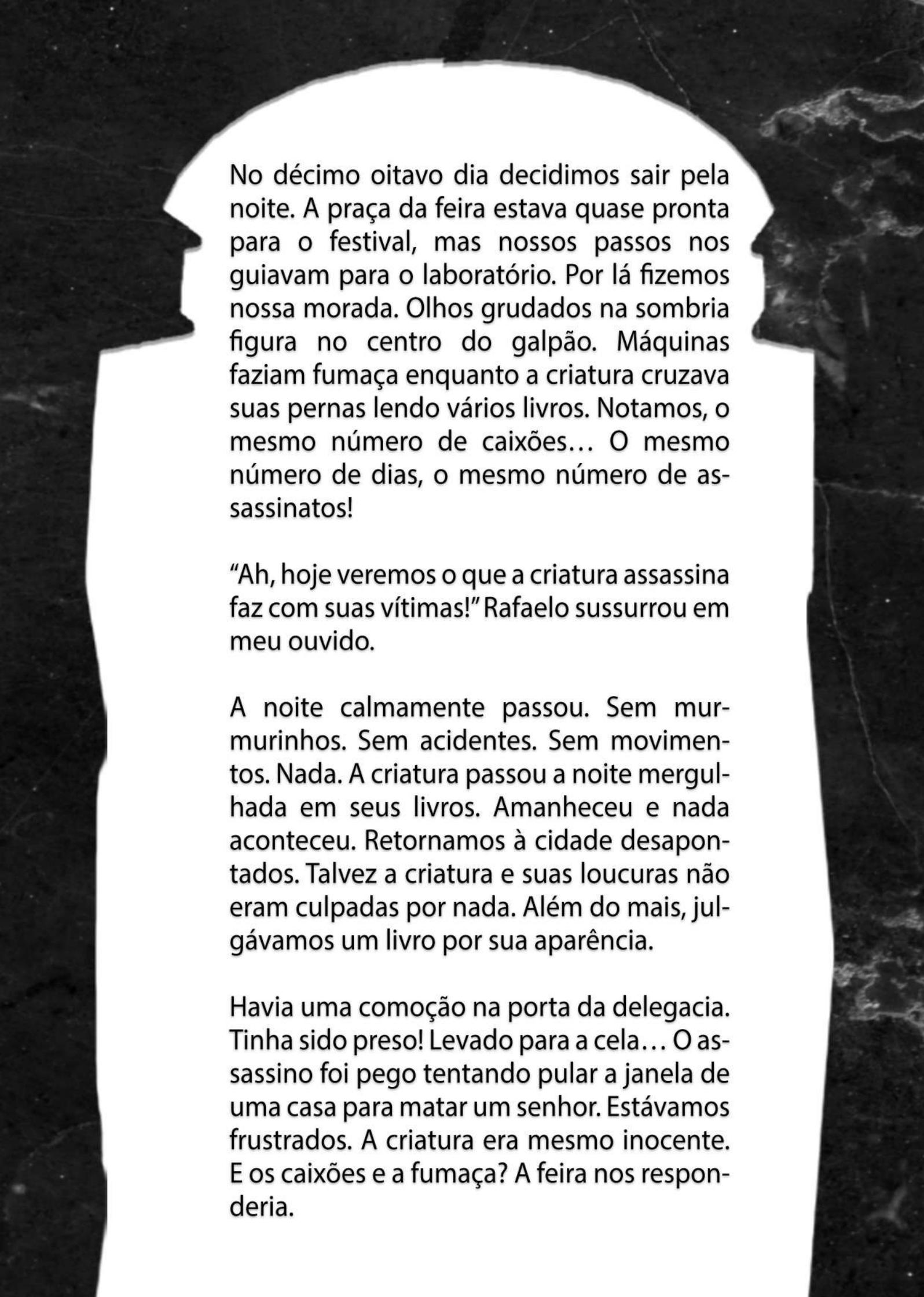


Apertei os braços de Rafaelo e urgi. “Vamos, Rafaelo. Vamos embora.” Depois de um minuto fomos embora.

Na praça da cidade nos encontramos com Mira. A moça estava voltando para casa depois de conversar com umas amigas. Mira era bela como a um raio da luz do luar que desce sobre a rosa mais rara do jardim. “Rapazes, Rapazes... O que aconteceu?” Nós contamos a aventura e remendamos as suspeitas. Um quebra cabeça estava em nossas mãos.

Mira nos aconselhou a tomar distância da tal Doutora. Nada de bom viria de dois amadores metidos a detetive. E tínhamos a feira... Podíamos aguardar mais uma semana para ver o que a criatura iria mostrar. Alertamos os oficiais dos perigos, mas riram de nossas histórias. Acusaram-nos de estarmos bêbados. Para eles, não passavam de sonhos distorcidos.

E na semana seguinte mais assassinatos... E nos dias seguintes mais assassinatos. Duas semanas e três dias de morte. A cada dia um novo defunto. Caixões e lágrimas tomavam as estreitas ruas e o grande cemitério. A estranheza inundava minha mente e a de Rafaelo.

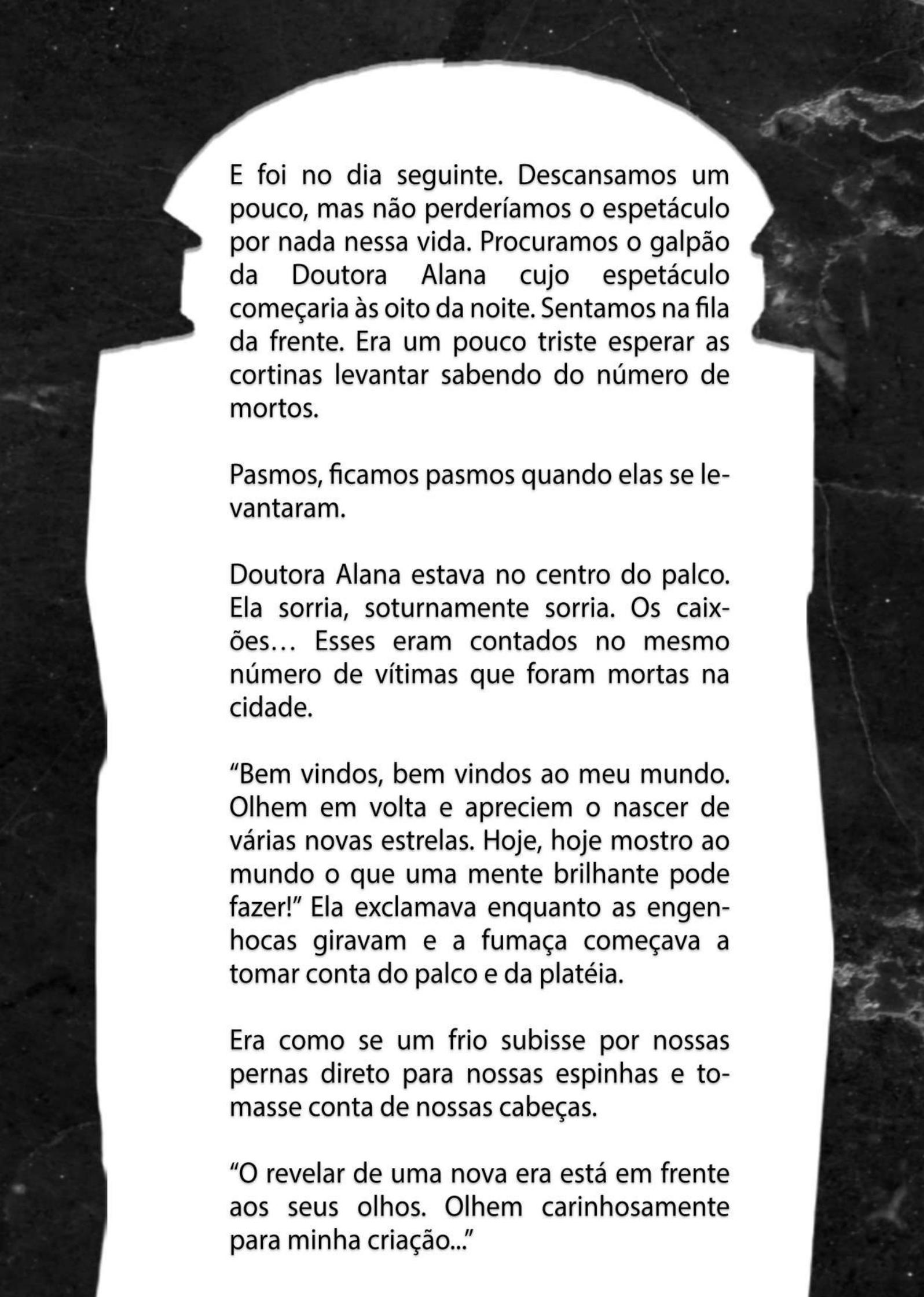


No décimo oitavo dia decidimos sair pela noite. A praça da feira estava quase pronta para o festival, mas nossos passos nos guiavam para o laboratório. Por lá fizemos nossa morada. Olhos grudados na sombria figura no centro do galpão. Máquinas faziam fumaça enquanto a criatura cruzava suas pernas lendo vários livros. Notamos, o mesmo número de caixões... O mesmo número de dias, o mesmo número de assassinatos!

“Ah, hoje veremos o que a criatura assassina faz com suas vítimas!” Rafaelo sussurrou em meu ouvido.

A noite calmamente passou. Sem murmurinhos. Sem acidentes. Sem movimentos. Nada. A criatura passou a noite mergulhada em seus livros. Amanheceu e nada aconteceu. Retornamos à cidade desapontados. Talvez a criatura e suas loucuras não eram culpadas por nada. Além do mais, julgávamos um livro por sua aparência.

Havia uma comoção na porta da delegacia. Tinha sido preso! Levado para a cela... O assassino foi pego tentando pular a janela de uma casa para matar um senhor. Estávamos frustrados. A criatura era mesmo inocente. E os caixões e a fumaça? A feira nos responderia.



E foi no dia seguinte. Descansamos um pouco, mas não perderíamos o espetáculo por nada nessa vida. Procuramos o galpão da Doutora Alana cujo espetáculo começaria às oito da noite. Sentamos na fila da frente. Era um pouco triste esperar as cortinas levantar sabendo do número de mortos.

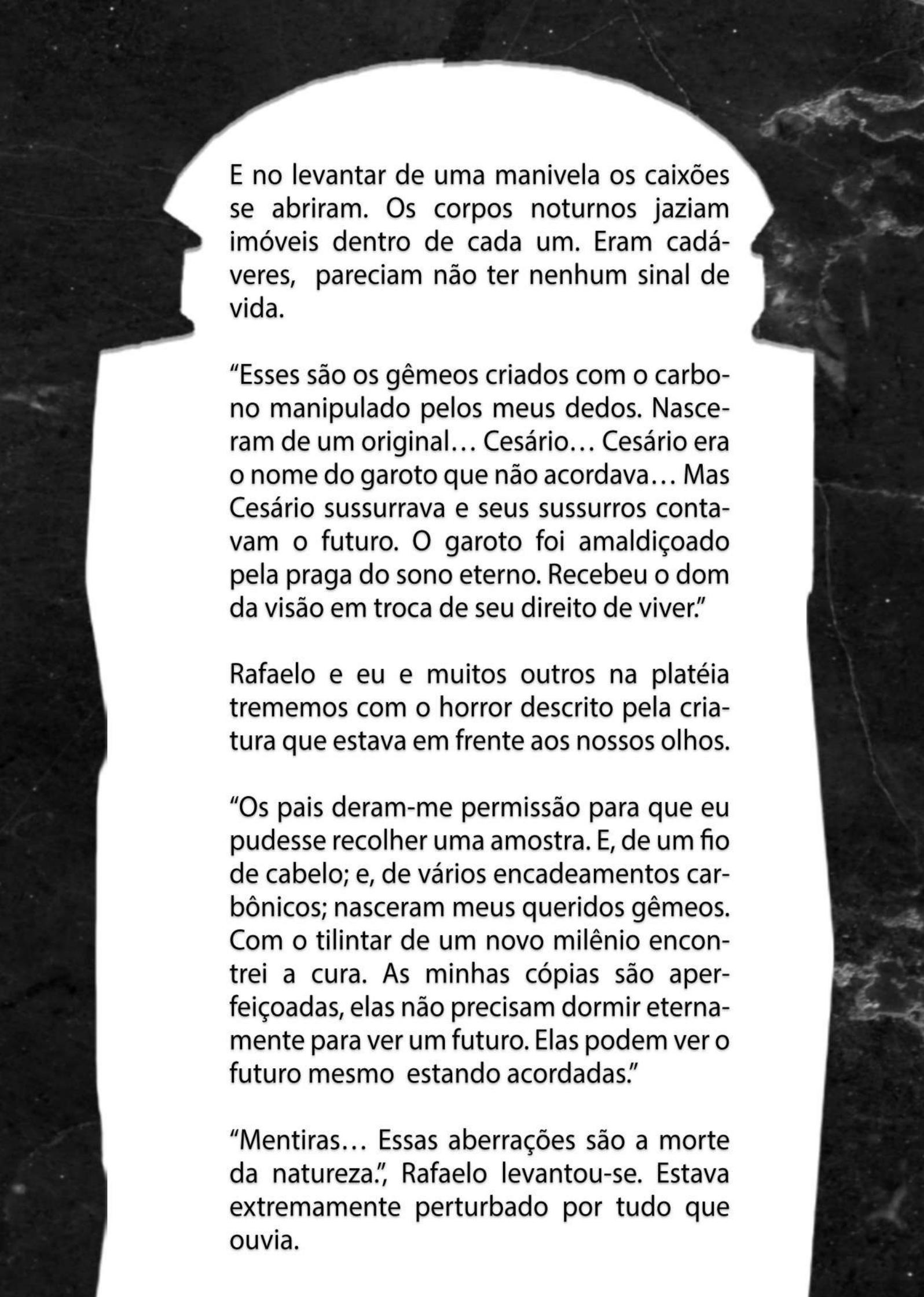
Pasmos, ficamos pasmos quando elas se levantaram.

Doutora Alana estava no centro do palco. Ela sorria, soturnamente sorria. Os caixões... Esses eram contados no mesmo número de vítimas que foram mortas na cidade.

“Bem vindos, bem vindos ao meu mundo. Olhem em volta e apreciem o nascer de várias novas estrelas. Hoje, hoje mostro ao mundo o que uma mente brilhante pode fazer!” Ela exclamava enquanto as engenhocas giravam e a fumaça começava a tomar conta do palco e da platéia.

Era como se um frio subisse por nossas pernas direto para nossas espinhas e tomasse conta de nossas cabeças.

“O revelar de uma nova era está em frente aos seus olhos. Olhem carinhosamente para minha criação...”



E no levantar de uma manivela os caixões se abriram. Os corpos noturnos jaziam imóveis dentro de cada um. Eram cadáveres, pareciam não ter nenhum sinal de vida.

“Esses são os gêmeos criados com o carbono manipulado pelos meus dedos. Nasceram de um original... Cesário... Cesário era o nome do garoto que não acordava... Mas Cesário sussurrava e seus sussurros contavam o futuro. O garoto foi amaldiçoado pela praga do sono eterno. Recebeu o dom da visão em troca de seu direito de viver.”

Rafaelo e eu e muitos outros na platéia trememos com o horror descrito pela criatura que estava em frente aos nossos olhos.

“Os pais deram-me permissão para que eu pudesse recolher uma amostra. E, de um fio de cabelo; e, de vários encadeamentos carbônicos; nasceram meus queridos gêmeos. Com o tilintar de um novo milênio encontrei a cura. As minhas cópias são aperfeiçoadas, elas não precisam dormir eternamente para ver um futuro. Elas podem ver o futuro mesmo estando acordadas.”

“Mentiras... Essas aberrações são a morte da natureza.”, Rafaelo levantou-se. Estava extremamente perturbado por tudo que ouvia.

"Não, não... Compreendeste mal meu senhor. Minhas cópias aperfeiçoadas provam que estamos prestes a superar todos os maus dos milênios. Suba aqui no palco e veja por si mesmo. Presencie em primeira mão o acordar dos meus gêmeos." A criatura respondeu.

"Rafaelo, sente-se."

"Não Devinte. Não sou um homem fraco.", Rafaelo ignorou-me. Tentei alertar, mas meu amigo subiu no palco.

E, no momento seguinte, a Doutora estalou seus dedos. As criaturas hipnotizadas levantaram-se de seus profundos sonos. Abriram seus grandes olhos após estenderem seus longos braços.

"Conte-nos... Conte-nos o futuro da nação!" A Doutora ordenou.

Uma após a outra, as criaturas abriram suas bocas: fome, gatunagem, miséria, doença, mortes, tristeza, destruição, incêndios, devastação, pilhagem, demolição, praga, decaimento, empobrecimento, ignorância, desgraça, decadência. E juntos faziam coro:

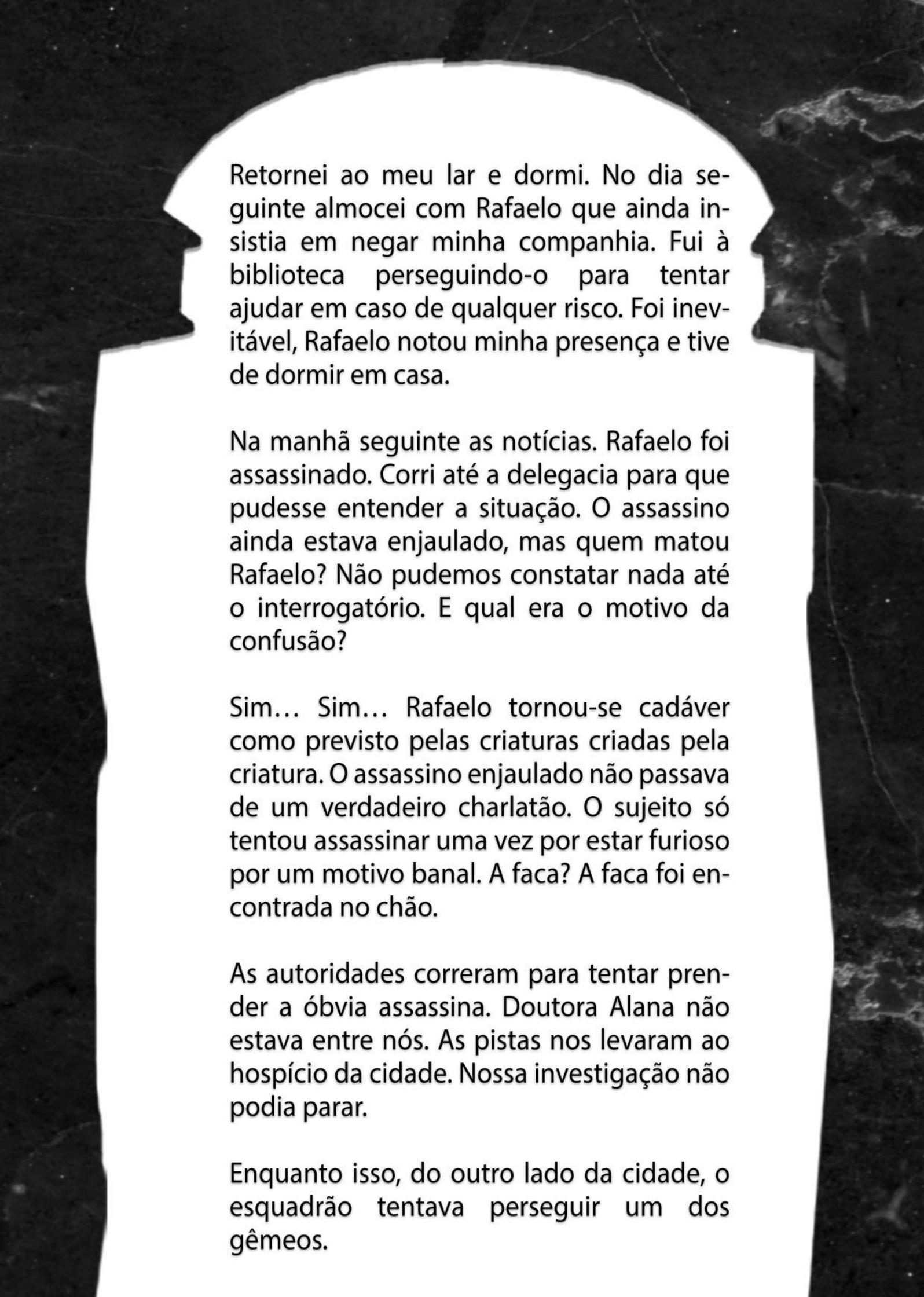
"decadência,  
decadência,  
decadência,  
decadência,  
decadência,  
decadência,  
decadência,

decadência,  
decadência,  
decadência,  
decadência,  
decadência,  
decadência,

decadência,  
decadência,  
decadência,  
decadência,  
decadência,

decadência."





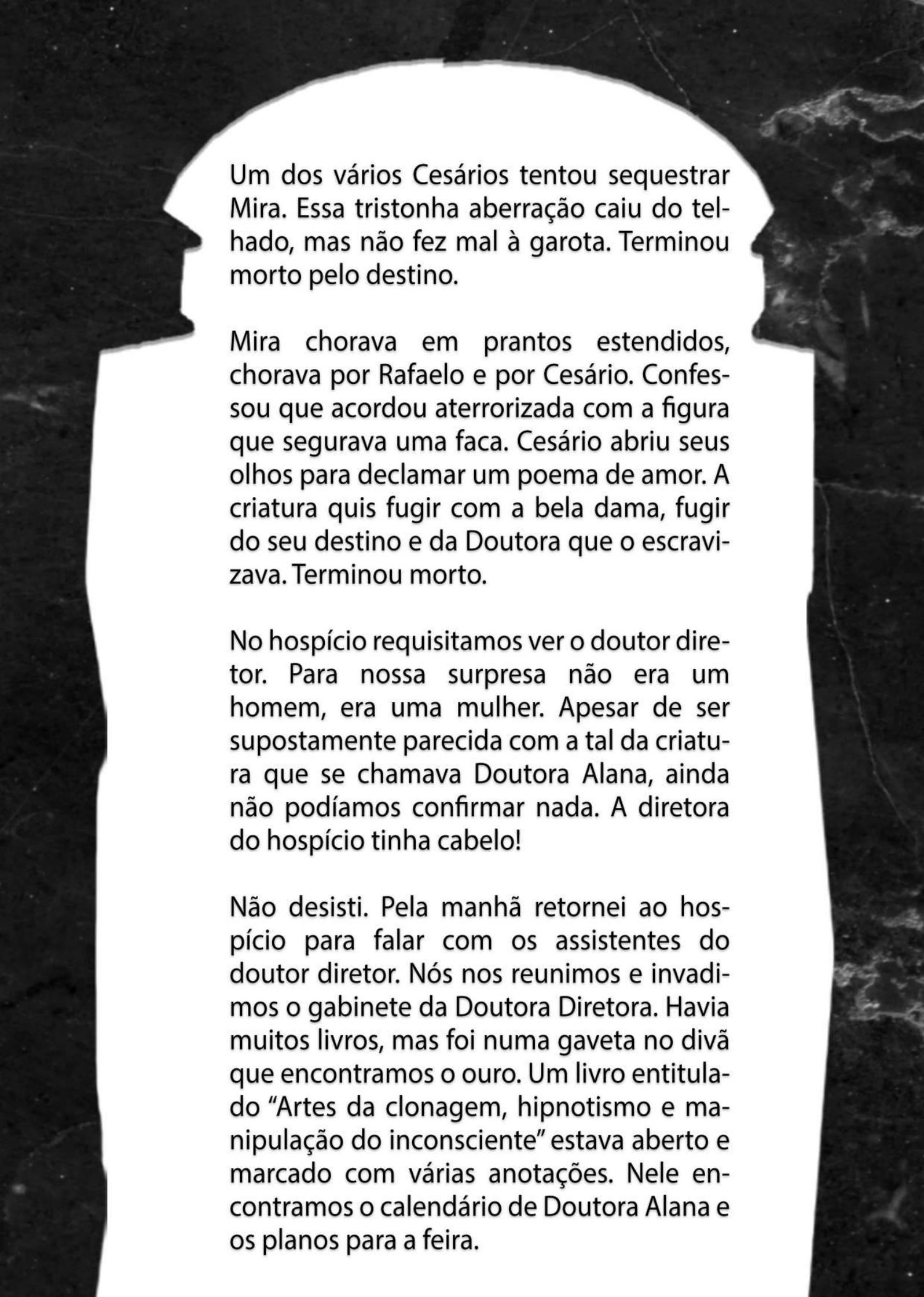
Retornei ao meu lar e dormi. No dia seguinte almocei com Rafaelo que ainda insistia em negar minha companhia. Fui à biblioteca perseguindo-o para tentar ajudar em caso de qualquer risco. Foi inevitável, Rafaelo notou minha presença e tive de dormir em casa.

Na manhã seguinte as notícias. Rafaelo foi assassinado. Corri até a delegacia para que pudesse entender a situação. O assassino ainda estava enjaulado, mas quem matou Rafaelo? Não pudemos constatar nada até o interrogatório. E qual era o motivo da confusão?

Sim... Sim... Rafaelo tornou-se cadáver como previsto pelas criaturas criadas pela criatura. O assassino enjaulado não passava de um verdadeiro charlatão. O sujeito só tentou assassinar uma vez por estar furioso por um motivo banal. A faca? A faca foi encontrada no chão.

As autoridades correram para tentar prender a óbvia assassina. Doutora Alana não estava entre nós. As pistas nos levaram ao hospício da cidade. Nossa investigação não podia parar.

Enquanto isso, do outro lado da cidade, o esquadrão tentava perseguir um dos gêmeos.

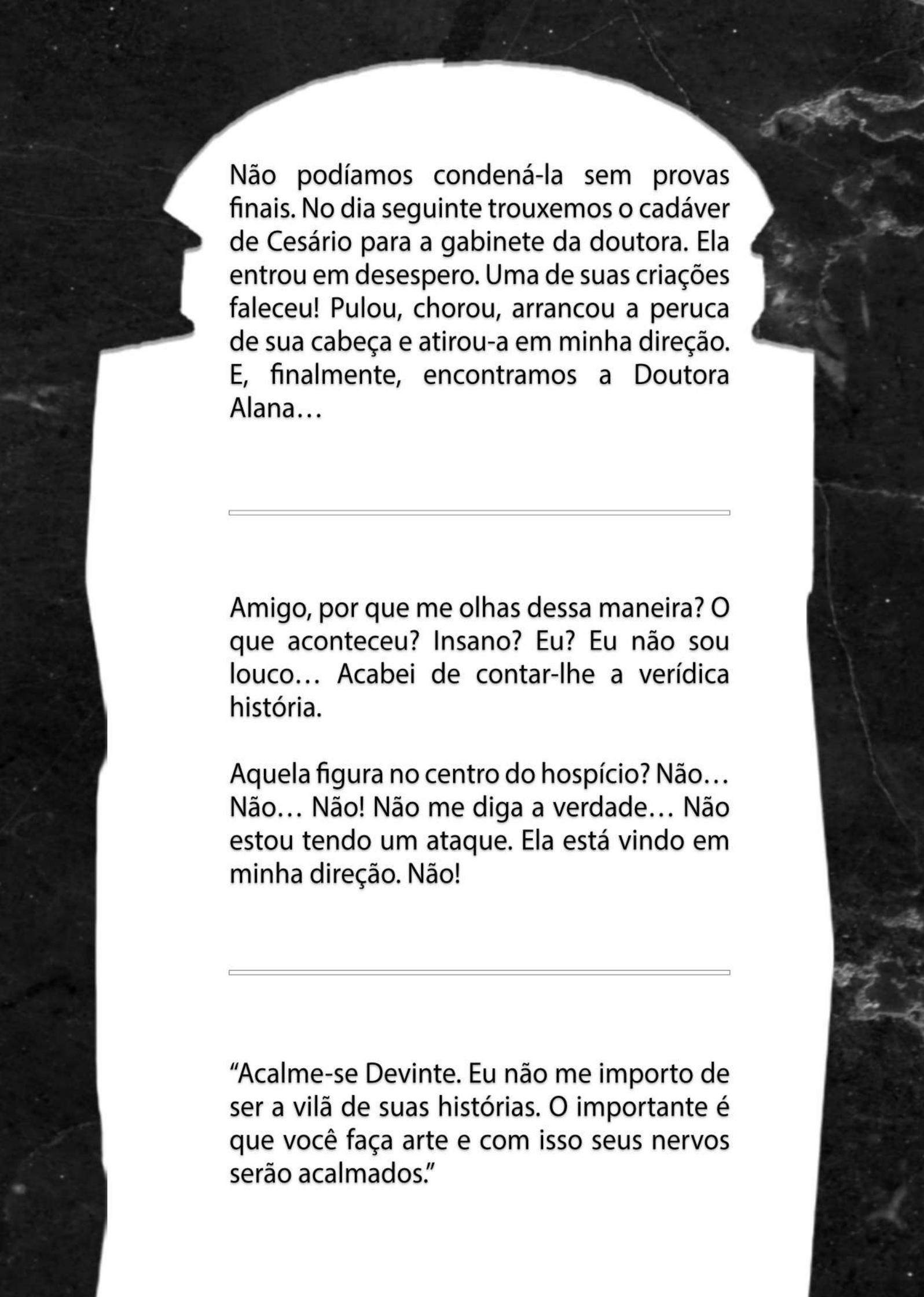


Um dos vários Cesários tentou sequestrar Mira. Essa tristonha aberração caiu do telhado, mas não fez mal à garota. Terminou morto pelo destino.

Mira chorava em prantos estendidos, chorava por Rafaelo e por Cesário. Confessou que acordou aterrorizada com a figura que segurava uma faca. Cesário abriu seus olhos para declamar um poema de amor. A criatura quis fugir com a bela dama, fugir do seu destino e da Doutora que o escravidava. Terminou morto.

No hospício requisitamos ver o doutor diretor. Para nossa surpresa não era um homem, era uma mulher. Apesar de ser supostamente parecida com a tal da criatura que se chamava Doutora Alana, ainda não podíamos confirmar nada. A diretora do hospício tinha cabelo!

Não desisti. Pela manhã retornei ao hospício para falar com os assistentes do doutor diretor. Nós nos reunimos e invadimos o gabinete da Doutora Diretora. Havia muitos livros, mas foi numa gaveta no divã que encontramos o ouro. Um livro intitulado "Artes da clonagem, hipnotismo e manipulação do inconsciente" estava aberto e marcado com várias anotações. Nele encontramos o calendário de Doutora Alana e os planos para a feira.



Não podíamos condená-la sem provas finais. No dia seguinte trouxemos o cadáver de Cesário para a gabinete da doutora. Ela entrou em desespero. Uma de suas criações faleceu! Pulou, chorou, arrancou a peruca de sua cabeça e atirou-a em minha direção. E, finalmente, encontramos a Doutora Alana...

---

Amigo, por que me olhas dessa maneira? O que aconteceu? Insano? Eu? Eu não sou louco... Acabei de contar-lhe a verídica história.

Aquela figura no centro do hospício? Não... Não... Não! Não me diga a verdade... Não estou tendo um ataque. Ela está vindo em minha direção. Não!

---

“Acalme-se Devinte. Eu não me importo de ser a vilã de suas histórias. O importante é que você faça arte e com isso seus nervos serão acalmados.”

“Qual a razão de ser tão gentil comigo?”

“Você é um dos meus Devinte, assim como Rafaelo, Mira e Cesário. Veja, estão todos vivos e brincando no pátio. Cesário gosta das flores, Mira é a rainha no trono, Rafaelo está bravejando e você é o pintor e contador de histórias. Você é um dos meus como o amor, a empatia, a gratidão, a sabedoria, a inteligência, o prosperar, a justiça, a equidade, o progredir, a consciência, o trabalho, a criatividade e o doce amanhecer no jardim escarlate.”

---

“Doutora... Doutora... Eu ouço o casco dos cavalos que rondam o castelo. É mais uma fantasia?”

“Não, dessa vez é verdade. Tome, segure o pincel e continue pintando. O seu dever é fazer arte.”

“Mas doutora. Quando você saca a espada eu sei que irá lutar. Voltará viva dessa vez?”

“Não, não meu caro Devinte. Não importa se volto viva ou não. Veja bem, o importante é que continue seu trabalho. Ouça... É o barulho dos cavalos brancos do ouro, da água e da floresta. Esses animais perderam suas cabeças e preciso ensiná-los a sentar e contar histórias, mesmo que eu seja a vilã.”

“Mas Doutora... A outra Doutora não era você, como pude duvidar?”

“Eu sei... Meu caro Devinte... Tome o pincel, vou sacar minha espada e lutar.”

---

E a Doutora Alana foi-se para nunca mais voltar. Pinteí, mas foi quando olhei o castelo escarlate desmoronando que percebi: ela estava certa. Há mais verdade nas palavras de um intelectual insano do que nos devaneios de um pseudocientista. E, com as paredes ruindo, tornei-me são.